

## POESIA CONTEMPORÂNEA AFRO-BRASILEIRA: ROMPENDO COM OS MECANISMOS DE SILENCIAMENTO E ESQUECIMENTO.

Juliana Cristina Costa (UFJF)<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo busca de modo panorâmico analisar a poesia de três poetisas contemporâneas - Jenyffer Nascimento, Cristiane Sobral e Débora Garcia - em prol de evidenciar como o texto literário realiza um enfrentamento ideológico dos mecanismos de silenciamento e esquecimento.

**Palavras-chave:** Literatura negra contemporânea; ideologia; mulheres negras.

A literatura é um espaço simbólico onde transitam formações ideológicas que fomentam o imaginário social. Através da historiografia literária brasileira é possível perceber que por muito tempo o controle do imaginário esteve nas mãos de grupos hegemônicos. A ideologia dominante de acordo com o tempo e a sociedade em que o texto literário foi construído pode ser percebida na linguagem, pois o escritor enquanto sujeito não vive apartado das influências ideológicas da esfera social, sendo possível pelo texto literário contestá-las ou “reproduzi-las”.

O crítico literário Edward Said em *Cultura e Imperialismo* (1995) considera que a literatura não pode ser isolada da sociedade e nem da história, portanto Said possibilita considerar que há uma relação dialética entre literatura, sociedade e história. A literatura afro-brasileira contemporânea desempenha uma função política concomitante com o trabalho estético. Em *Poesia negra no modernismo brasileiro* (2003) a crítica literária Benedita Gouveia Damasceno manifesta também acerca da literatura, a considerando “como parte representativa do processo histórico global da sociedade, enquanto traduz, de forma mais ou menos sutil, as manifestações sociais” (op. cit, p.17). Tanto Said como Gouveia compreendem o texto literário em uma perspectiva sócio-histórica e como sendo influenciado pelas mudanças sociais e políticas.

Na escrita da maioria das escritoras negras observa-se a reivindicação ao direito a voz, sendo a fala a possibilidade de ser e existir socialmente, o que corrobora com o que expressou Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008): “Falar é existir absolutamente para o outro”, sendo assim, ao expressarem suas vivências e as situações

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos literários na Universidade Federal de Juiz de Fora, graduada em Letras/Literaturas pela Universidade Federal de Viçosa. Contato: [jucostalettras@gmail.com](mailto:jucostalettras@gmail.com)



que envolvem os sujeitos negros, permitem visibilizar as consequências históricas da desigualdade racial e também romper com o processo de silenciamento que o racismo instaura sutilmente na sociedade brasileira. Ao remeterem nas tessituras poéticas questões referentes ao passado colonial cujas concepções ideológicas ainda são manifestadas nas interações sociais do presente, trazem a possibilidade da leitura do presente mediante o questionamento desse passado que ainda não se extinguiu no imaginário social.

O escritor e crítico literário Luiz Silva Cuti manifesta em *Literatura negro-brasileira* (2010) que a literatura precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Sobre o termo “afro” usado para designar a literatura negra expressa que

Atrélar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra. Ainda a continentalização africana da literatura é um processo desigual se compararmos com outros continentes. Países com sua singularidade estético-literária são colocados sobre um mesmo rótulo. (CUTI, 2010, p.36)

A preferência pelo termo “afro” evidencia a incapacidade social de suportar o peso semântico e histórico da palavra “negro”. Embora o movimento negro busque constantemente a ressignificação positiva do termo, o termo “afro” surge como um eufemismo e até mesmo ocultamento dos sentidos por detrás do termo “negro” que evidencia a culpabilidade social do branco na desigualdade social. A literatura hegemônica é branca, entretanto o adjetivo racial não é utilizado, pois a ordem brancocêntrica busca naturalizar uma identidade racial, a branca, como sendo referencial do humano e da normalidade.

Através da poesia das escritoras contemporâneas: Cristiane Sobral, Débora Garcia e Jennifer Nascimento este artigo visa apresentar de modo panorâmico como se dá a construção poética como combate do silenciamento e do esquecimento da condição social do negro na sociedade brasileira.

Em *Terra Fértil* (2014) no poema “Douglas, Amarildo e Cláudia”, a escritora Jenyffer Nascimento expressa acerca do genocídio negro, através do discurso poético realiza uma humanização das vítimas que normalmente são escondidas pelos números das estatísticas. Neste poema narrativo é criada as vidas de Douglas Rodrigues, 17 anos,



morto em 2013; de Amarildo Dias de Souza, 47 anos, morto e o corpo desaparecido, também em 2013 e de Cláudia Silva Ferreira, 38 anos, morta em 2014. A continuidade poética diante da realidade promove a reflexão do leitor, na primeira estrofe expressa acerca de Douglas, um jogo do que poderia ter sido e o que é. A construção poética ainda denuncia a educação pública e o pouco acesso de alunos negros no ensino superior e a violência policial. O último verso do poema reproduz as últimas palavras de Douglas e direciona a pergunta ao leitor: “Por que o senhor atirou em mim?”.

Na segunda estrofe do poema se faz referência a Amarildo enfatizando o fato do mesmo ter sido pai, denunciando a condição trabalhista quase escravocrata que o mesmo era submetido e sobre a possibilidade se caso estivesse vivo de gozar de um outro emprego e também fala da repercussão mundial do seu desaparecimento. Na última estrofe se fala sobre Cláudia, apresentando-a como tia e como trabalhadora, também enquanto denúncia, evidenciando que desde a escravidão os serviços subalternizados são ocupados por pessoas negras e falando sobre a violência policial que atingem a população negra, mas que não promove a comoção social. E o último verso “Isto não é um poema”, negando o caráter poético do texto, de modo metalinguístico coloca em questão o que de fato constitui um poema ou não, se ao falar de coisas tão reais o texto que escreve se encaixaria como poema em sua qualidade de ficcional? Mesmo recriando uma continuidade do que foi interrompido pela violência policial.

Outro poema de Jenyffer Nascimento presente no mesmo livro é “O grito”, na primeira estrofe é apresentado

Tenho um grito entalado na garganta  
Um grito longo, fino, estridente  
Um grito dolorido, abafado  
Um grito de mulher. (NASCIMENTO, 2014, p.28)

Nos versos acima, se percebe a referência ao silenciamento, “grito entalado” e “abafado” e também a associação deste grito ao gênero feminino. Na segunda estrofe pode se depara com a indagação “Feminismo?” e também a referência de que mesmo para quem desconhece o que seja o feminismo o “grito”, o protesto feminino, sempre existiu. As questões que envolvem a violência de gênero também aparecem no poema como também a crítica ao papel normalmente associada a mulher:



Então é só isso?  
Criar os filhos  
Cuidar da casa  
E servir o meu sexo numa bandeja  
Sempre que o outro quiser? (NASCIMENTO, 2014, p.28)

De maneira retórica é manifestado um questionamento do padrão de feminilidade imposto pautado na submissão. Ao longo pode se observa uma crítica contundente a desigualdade de gênero e na última estrofe é manifesta a liberação do grito como a autonomia da mulher sobre o seu próprio corpo.

Em *Não vou mais lavar os pratos* (2016) no poema “ Heroína crespa” a escritora Cristiane Sobral expressa acerca das ideologias brancocêntricas por trás dos padrões de beleza, também fala da resistência estético-corporal e política. Na primeira estrofe expressa

A cada dia  
Luto pela minha raiz  
Sou rebelde e estou em extinção  
Minha bandeira é crespa (SOBRAL, 2016, p.86)

Nesta estrofe pode-se observar a manifestação de uma “poesia da negritude”<sup>2</sup> ao apresentar “uma consciência social revoltada pelos anos de espoliação mental, cultural e econômica” (DAMASCENO,2003, p.26), a construção poética se faz como um instrumento de luta no combate da anulação identitária promovida pelas relações assimétricas de poder. Na segundo estrofe se evidencia as ideologias por trás de termos como “escovas progressivas” e “escovas inteligentes” que testemunham a construção do imaginário social marcado pelos valores brancocêntricos de beleza, permitindo lembrar também da noção de micro-poder de Foucault que trata da manifestação do poder na vida cotidiana, estas “escovas” são procedimentos produzidos pela indústria de beleza, servem para alisar o cabelo e de modo relacional o cabelo liso é ligado semanticamente a noção de progresso e inteligência.

Na terceira estrofe é promovida uma reflexão acerca de manifestações de luta que buscam promover o retrocesso e a manutenção do hegemônico. E na última estrofe se

---

<sup>2</sup>No Brasil não houve um movimento de negritude como foi o movimento de Cesáire, Senghor e seus companheiros, na poesia negra produzida desde os anos 80 e na poesia contemporânea é possível encontrar escritores que em suas construções poéticas se observe a presença de questões que lembre os ideais da negritude.



expressa acerca da heterogeneidade da subalternidade, isto é, a multiplicidade de mecanismos de inferiorização. O poema de Cristiane Sobral coloca a mulher negra como heroína, “heroína crespá”, sabendo da falta de representatividade simbólica, já que dificilmente se vê a representação de pessoas negras enquanto reis/rainhas, príncipes/princesa ou heróis/heroínas, por exemplo.

Outro poema presente também no livro *Não vou mais lavar os pratos* (2016) de Cristiane Sobral é “Abrúptero” onde é realizada uma reflexão acerca da maternidade. Na primeira estrofe do poema é feita uma indagação: “Quem disse que são infelizes as mulheres inférteis?”, um questionamento acerca dos estereótipos acerca da mulher que não pode engravidar. E na segunda estrofe também há uma crítica ao cinema em que os finais felizes das mulheres são marcados pelo casamento e maternidade. O título do poema é um neologismo criado pela autora, uma junção dos termos “abrupto” e “útero”, talvez pode ser compreendido como um ‘útero inesperado’, isto é, aquele que não cumpre a função que normalmente a sociedade fornece a ele, o da reprodução.

E na última estrofe do poema é apresentado:

Abrúptero  
Não é preciso crer na falta como um defeito  
Viva o saber pelo sentir e a esperança das portas abertas  
(SOBRAL, 2016, p.47)

Como também na penúltima estrofe, se observa o termo “Abrúptero” se referindo a um interlocutor, e também o reforço da ideia central do poema, que a ausência de um útero ou da fertilidade não consiste em um defeito ou em uma impossibilidade de viver da melhor maneira possível.

No livro *Coroações* (2014) de Débora Garcia observa-se no poema “Academia” a crítica ao espaço acadêmico e associação do mesmo como um espaço restrito onde as questões que envolvem a cultura negra são vistas como entretenimento. Ainda há a referência ao fato de mulheres negras não ocuparem espaços onde atuem como intelectuais. O que pode ser observado nos versos a seguir:

A negra que falar  
Sua condição denunciar  
Ela sabe argumentar,  
Questionar, responder



Ações afirmativas defender. (GARCIA, 2014, p.83)

A fala é apresentada como a possibilidade de denúncia das condições que envolvem a mulher negra na sociedade, como também a afirmação da possibilidade da mesma exercer um lugar de fala intelectualizado. Em outro poema, presente na mesma obra, “Miscigenação”, observa-se a reflexão acerca da construção racial do Brasil.

Índio, Negro, Branco.  
Português, japonês, Alemão.  
Assim é o Brasil  
Esse imenso caldeirão. (GARCIA, 2014, p.88)

A diversidade cultural e racial é expressa, como também o caráter de hibridismo da cultura brasileira. Na segunda e na terceira estrofe se manifesta que apesar da mistura racial, o conflito existe. Sendo que “Ao menor conflito a injúria é certa”, remetendo as relações sociais que são marcadas pelo racismo e a veiculação de estereótipos raciais na convivência social. Na quarta estrofe observa-se

Fazem da minha cor, da minha fisionomia.  
Motivo de agressão, ofensa doída  
Vergonha teria, se eu fosse macaco  
E, algum momento, ao Homem fosse comparado.  
(GARCIA, 2014, p.88)

A superficialidade do racismo é apresentada acima, o julgamento pelo fenótipo, além de expressar acerca da violência racial ser não apenas física como também verbal. Também no verso se percebe a crítica ao que se constitui o humano, na quinta estrofe é se fala das potencialidades do humano no que tange ser considerado um ser vivo superior, entretanto age de forma “boçal”. Embora as questões do preconceito racial sejam mundiais, no poema é especificada a situação brasileira das relações raciais:

Essa situação  
Acontece no mundo inteiro, mas fica muito pior  
Se tratando do brasileiro. (GARCIA, 2014, p.88)

O brasileiro tem dificuldade de ser perceber racista, entretanto consegue a afirmar a existência do racismo, isto foi afirmado pelo antropólogo Kabengele Munanga em



uma entrevista a revista Fórum em 2011 onde manifesta ser o racismo um crime perfeito por que quando o sujeito que é alvo da atitude racista reage, evidenciando a situação de preconceito, o ator transforma a vítima em culpada do racismo, não assumido a responsabilidade do ato (MUNANGA, 2011). Em *Racismo e sexismo na cultura brasileira (1989)* a antropóloga Lélia Gonzalez em considera “racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a *neurose cultural brasileira*”(GONZALEZ, 1989, p.224). O caráter eurocêntrico da cultura brasileira é manifestado na sétima estrofe, “brasileiro é bicho besta/ Acha que é europeu”, isto também corrobora com a neurose cultural expressada por Gonzalez.

Ainda no poema se apresenta a temática da intolerância religiosa e também de como simbolicamente a situação de preconceito e intolerância afeta psicologicamente o negro. Na estrofe final, a religiosidade é colocada como possibilidade de combater a intolerância.

Haja axé! Haja pajelança!

Para enfrentar este mal

Combater a intolerância (GARCIA, 2014, p.89)

O ritual religioso indígena e negro é mencionado nesta estrofe, o negro e o indígena é inferiorizado, estrutural e simbólico, nas relações raciais no Brasil. Observando que nas pesquisas censitárias estes grupos se apresentam em desvantagens sociais grandes em relação aos sujeitos brancos. Esta poesia de Débora Garcia traz para a construção poética uma realidade de desigualdade, possibilitando lembrar-se do que fez Jenyffer Nascimento no final do poema “Douglas, Amarildo e Claudia” ao afirmar que o texto não se trata de poema, a realidade transferida para a construção poética instaura uma tensão nos limites da ficção e da realidade em termos ideológicos, algo semelhante ocorre neste poema ao representar a realidade racial do Brasil.

Nos textos analisados neste artigo foi possível perceber a intensidade do discurso literário que emitem discursos que por muito tempo foram invisibilizados, ou melhor, silenciados, tanto na esfera literária como na esfera sócio-política. A tessitura poética provoca um incomôdo ao leitor cujo imaginário é construído por naturalizações acerca das relações raciais. A memória coletiva é alvo das relações de poder que estabelecem



através de mecanismos de coerção o que deve ser lembrado ou discutido na esfera pública da sociedade. A escravidão e o racismo são elementos expurgados desta memória, pois a memória coletiva desconsidera as questões que envolvem a população negra, como também a indígena.

Embora o termo panfletário seja associado a escrita que reivindica algo a sociedade ou que expressa fortemente alguma ideologia, como a ideologia antirracismo, toda literatura tem algo de panfletário, de difusor de alguma questão ideológica, entretanto este termo só é comumente associada a “literatura não hegemônica”. É necessário pensar se as construções ideológicas da sociedade não estão sendo naturalizadas também na crítica literária que também consiste em um espaço de poder, podendo silenciar ou esquecer questões que são necessárias serem faladas.

### **Referências bibliográficas**

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas-SP: Pontes, 2003.

FANON, FRANTZ. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008.

GARCIA, Débora. *Coroações: Aurora de poemas Débora Garcia*. São Paulo: Edição da autora, 2014.

GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

NASCIMENTO, Jenyffer. *Terra Fértil*. São Paulo: Edição da autora, 2016.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução Denise Bottman. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Edição da autora, 2016.